

LOUIS BEGLEY

# Memórias de um casamento

*Tradução*

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Louis Begley 2007 Revocable Trust

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Memories of a Marriage

*Capa*

Michael J. Windsor

*Fotos de capa*

banco © Fotocrisis/ Shutterstock.com; casal © Lise Metzger/ Rise/ GettyImages;  
grama © Marta Nardini/ GettyImages

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Luciane Gomide Varela

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Begley, Louis

Memórias de um casamento / Louis Begley ; tradução  
Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2016.

Título original: Memories of a Marriage.

ISBN 978-85-359-2681-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

16-00036

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# 1.

Certa noite em maio de 2003, não muitos dias depois de George W. Bush ter feito a espantosa declaração de que a “missão” fora cumprida, fui ao New York State Theater assistir a uma apresentação do New York City Ballet. Esperava ver um programa completo com coreografias de Jerry Robbins, e de fato havia um programa assim previsto para mais tarde naquele mês. Infelizmente a data era inadequada para mim — eu havia aceitado o convite para jantar com um antigo colega de faculdade que se casara pouco antes — e tive de me contentar com um espetáculo que incluía a estreia oficial de *Guia para lugares estranhos*, mais uma das criações vazias de Peter Martins. A música de John Adams me deixou indiferente. Seria melhor, disse a mim mesmo, se Martins nos permitisse continuar a pensar nele como o magnífico bailarino que foi em seu apogeu e agradecer por seu trabalho na direção da companhia de balé, em vez de nos proporcionar repetidas ocasiões para deplorar sua coreografia. Incapaz de me concentrar nos movimentos, executados com brilhantismo pelo elenco, os quais me pareciam não levar a lugar nenhum, deixei

meus pensamentos se voltarem para Jerome Robbins. Tinha sido nosso grande amigo, meu e de minha esposa Bella, e sempre nos convidava para os ensaios. Víamos como repetia inúmeras vezes, de modo incansável, cada segmento de um balé: repreendendo, corrigindo e elogiando, até que uma transformação misteriosa, muitas vezes imperceptível para mim e para Bella, indicava que a música e a dança haviam se fundido e correspondiam, afinal, à imagem que ele tinha. Jerry Robbins batia palmas, virava-se para seu assistente Victor e dizia: É isso, os garotos já pegaram o jeito, agora vamos comer um pouco. Jerry ficava com uma fome voraz após os ensaios. Íamos junto com ele e Victor para o Shun Lee, um restaurante chinês na rua 65 Oeste, onde Jerry, tão abastinado na vida cotidiana, devorava um após outro os pratos cantoneses leves que eram seus prediletos. Ele morreu em 1998, quinze anos depois de George Balanchine, e assim baixou a cortina sobre uma grande era da história do balé que a obra dos dois havia marcado. Eu me sentia agradecido por ter presenciado boa parte daquela obra enquanto ambos estavam vivos, dançada por bailarinos que eles mesmos haviam formado. Será que a companhia para a qual eles haviam criado tantas obras-primas continuaria a apresentá-las em grande estilo? Assim esperava, pelo menos durante os anos de vida que me restavam.

No intervalo, tomei um uísque no bar e, como o tempo estava ameno, saí para o terraço ao ar livre. O chafariz no centro da praça ainda não tinha sido readaptado e programado para seguir os compassos de um ritmo tão complexo quanto o sapateado de Fred Astaire e igualmente difícil de decifrar, mas mesmo assim eu gostava dele e nunca me cansava de contemplá-lo. Eu estava enfeitiçado. Que maravilha, dizia para mim mesmo sem cessar, como estou contente — na verdade, como estou feliz — por ter voltado a morar nesta cidade! Durante boa parte da vida, eu temera admitir para mim ou para os outros que eu era feliz.

Fazê-lo, eu tinha certeza, era convidar os deuses a me atacar no ponto em que eu era mais vulnerável. Não me refiro à minha própria pessoa, mas a Bella e a nossa pequena Agnes. Infelizmente o castigo já havia sido aplicado em sua dose máxima, deixando-me diminuído, porém invulnerável. Tínhamos vivido entre Nova York e Paris, com estadas mais longas no exterior por causa dos familiares de Bella, que moravam todos lá. Pouco depois do início de uma de nossas temporadas em Nova York, Agnes morreu — instantaneamente — atingida pela queda de um galho de uma árvore no Central Park, que também feriu com gravidade a enfermeira que a levava para casa, depois de uma visita ao Children's Zoo. Nossa dor foi enorme. Incapaz de falar sobre a desgraça durante dois anos ou mais, sofremos em silêncio e, sem que fosse preciso discutir o assunto, concluímos que não teríamos outro filho; o lugar de Agnes não podia ser ocupado e não queríamos correr outro risco. Ficávamos afastados de Nova York o máximo possível, aprendendo a viver um para o outro e para o nosso trabalho. Quase nunca nos separávamos. Sou escritor e Bella também era; chamávamos de escritórios dois quartos contíguos de qualquer residência que ocupássemos, fosse na cidade de Nova York, fosse a casa numa encosta rochosa nos arredores de Sharon, em Connecticut, que eu herdara na década de 1950 de uma tia solteira, fosse o apartamento em Paris, perto do Panthéon.

Então, durante um inverno, que, por razões profissionais, estávamos passando em Nova York, Bella, que jamais se queixara de qualquer dor, que jamais se resfriava nem permitia que a mudança de fuso horário perturbasse seu sono e cuja digestão derrotava qualquer arte culinária, começou a sofrer de prolongadas corizas e de estranhas infecções ligeiras; manchas vermelhas lhe apareciam na pele. De brincadeira, ela dizia que se um de nós dois fosse dependente de drogas injetáveis e compartilhasse agu-

lhas, ou se fôssemos para a cama com outras pessoas, ela pensaria que estava com aids. Mas em seu caso, disse Bella, apenas estava debilitada com o inverno interminável de Nova York. Achei que tinha razão. Pela primeira vez em nossa vida fomos para o sul em busca do sol, para Barbados, a única ilha atraente em que havia um lugar imediatamente disponível capaz de atender nossas exigências — o indispensável para o funcionamento de dois escritórios e bastante proximidade da praia — a um preço que não era exorbitante. A casa de praia em St. James se revelou um lugar perfeito. Trabalhávamos em nossas escrivatinhas pela manhã, começando bem cedo. Antes do almoço, relaxávamos por uma ou duas horas sob o sol e no acariciante mar do Caribe, que nos regalava com um interminável espetáculo de peixes nadando em velocidade junto ao recife de corais, e depois íamos para casa, para o almoço e para o cochilo após a refeição, nosso momento predileto para fazer amor. Em seguida, até a noite, trabalhávamos de novo. Depois de uma semana dessa vida paradisíaca, Bella me disse, quando estávamos deixando a mesa de almoço, que daquela vez teríamos de ficar sossegados durante nosso cochilo. Ela estava com dores no corpo todo e, assim lhe parecia, sobretudo na vagina. Ela percebera um sangramento estranho. Aquilo me aborrecia? Na mesma hora eu lhe disse que devíamos comprar passagens no próximo voo para Nova York, consultar nosso médico de família ou quem quer que ela julgasse conveniente. Bella recusou de forma categórica, insistiu que ficássemos na ilha até o fim das duas semanas restantes de nossas férias. Não havia motivo para sacrificar nem um momento sequer de nosso idílio. No entanto, pouco tempo depois de voltarmos à cidade, vimos que havia motivos de sobra. Os sintomas de Bella eram de leucemia linfóide aguda, que atacara sua medula e a estava destruindo de forma metódica e implacável. Tratamentos cada vez mais draconianos eram seguidos por talvez um mês de

alívio. O ciclo se repetiu muitas vezes, deixando Bella devastada e exaurida, sem esperança de cura ou de qualquer alívio mais duradouro, segundo seu hematologista, senão por meio de um transplante de medula bem-sucedido. O único parente próximo de Bella, seu irmão mais velho, imediatamente se dispôs a ser o doador. A consanguinidade e a combinação quase perfeita de seus tipos sanguíneos reduziam consideravelmente o risco de rejeição. Depois de refletir sobre o protocolo que ela teria de seguir após o transplante e pesar os benefícios que poderia esperar, a respeito dos quais ela se mostrou obstinadamente cética, Bella resolveu que não se submeteria ao procedimento. Não acredito que este câncer vá deixar meu corpo e não acho que valha a pena ganhar mais uns poucos anos de vida, disse ela. Não vão ser anos bons. Tivemos uma vida tão maravilhosa juntos. Não vamos agora nos contentar com uma vida em que eu me veja limitada de maneira tão terrível. Nenhum de nós quer isso. Não há como esconder que concordei com ela. Graças aos opiáceos que tínhamos guardado, ela morreu em meus braços, em paz, em torno de seis meses depois. E o que se pode dizer a meu respeito? Vivo atormentado, mas ainda tenho meu trabalho. Faço-o de maneira consciente e comedida, pelo prazer que ele me dá, sem esperar outra recompensa. E tenho minhas memórias. O Virgílio de Dante estava errado ao lhe dizer que não havia dor maior do que recordar os tempos felizes quando se está em desgraça. A memória é um consolo. Talvez o único que existe. A memória é também a melhor das companhias.

Meu devaneio foi interrompido por uma voz que eu conhecia, embora eu não a identificasse de imediato, e que chamava meu nome: Philip! Virei-me e vi uma senhora alta e magra, à beira dos setenta anos, ou talvez já com setenta e poucos, com uma ótima aparência, num vestido preto que atribuí a Armani e de sapatilhas pretas. Trazia uma bolsa preta pendurada no om-

bro por uma correntinha dourada. Pisquei os olhos quando me dei conta de quem era. Muitos anos tinham passado desde que a vira pela última vez. Quantos, não consegui calcular de imediato. Mas, sim, sem dúvida, era ela mesma.

Meu Deus, continuou a senhora, o que há com você, não me conhece mais? Eu o reconheci no ato, mesmo de costas. Seu cabelo ficou todo branco, continua curto demais, e suas orelhas continuam saltadas. Não tinha ideia de que eu havia mudado tanto assim. Pelo amor de Deus, sou Lucy Snow. Lucy De Bourgh Snow.

Cedendo à irritação porque a voz dela soara muito mais alta que o necessário, reagi usando a resposta-padrão de Hubert H. Humphrey para estranhos que se apresentavam enquanto apertavam sua mão: É claro que é você, e estou contente em vê-la.

Puxa, espero que sim!

Isso foi dito de forma um tanto severa.

O que está fazendo por aqui?, prosseguiu. Achei que tinha desistido de Nova York.

Nem de longe, respondi. Fiquei fora muito tempo, mas nunca deixei de ser um nova-iorquino. Desta vez vim para ficar.

Que boa notícia, disse ela. Vamos retomar nosso contato.

Numa sequência rápida, ela me informou que morava na cidade, mas que, como ainda possuía uma casa em Little Compton, podia ficar com um pé em Rhode Island; que seu pai e sua mãe tinham morrido, bem como sua cunhada Edie; que seu irmão John não tinha casado de novo, morava no casarão em Bristol e levava ainda mais a sério do que os pais a importância da casa na história do estado; e que havia muitas informações para pôr em dia. Então ouvimos o sinal para voltar a nossos lugares no teatro. Quando nos separamos — ela estava no balcão e eu, na plateia —, Lucy avisou que ia me procurar no intervalo seguinte.

Fiz um esforço sincero para prestar atenção ao que se pas-



sava no palco — um balé de Balanchine que não estava entre meus favoritos —, mas não adiantou. Não conseguia afastar minha mente dos devaneios. Puxa vida, Lucy! Eu não tinha certeza de que a vira mais de uma ou duas vezes depois que ela se divorciara de Thomas, e aquilo tinha ocorrido no final da década de 1970. Talvez no início da década de 1980. De fato, parecia provável que as únicas vezes em que eu havia pensado nela tinham sido nas ocasiões em que encontrava Thomas, sozinho ou com a nova esposa, o que eu havia feito com certa frequência, e inevitavelmente quando li o obituário de Thomas. Exceto o obituário, tudo o mais parecia ter ocorrido num tempo remoto demais. Lucy provavelmente era uma daquelas boas meninas de Radcliffe, Smith ou Vassar, de boa família, que vieram para Nova York na década de 1950, depois da faculdade, em busca de um marido ou do emprego dos sonhos. A gente as encontrava numa festa promovida pela tia ou madrinha de alguém. Na maioria, eram atraentes — conforme o ângulo do qual a vísemos, Lucy era uma grande beldade ou uma *jolie laide* — e caso a felicidade conjugal e a formação de uma família perfeita em Bronxville, Scarsdale ou Morristown não figurassem entre seus principais objetivos imediatos, elas queriam escrever. Enquanto esperavam, procuravam emprego em editoras ou nas revistas *Time*, *Life*, ou no *Saturday Evening Post*. Infelizmente os homens que podiam dar tais empregos para elas achavam que garotas desse tipo eram melhores para atender telefone ou servir cafezinho. Uma boa maneira de romper o estereótipo e esquivar-se era trabalhar em revistas de moda. Foi o que fez Lucy. Alguns anos depois de Sylvia Plath ter trabalhado lá por um tempo, Lucy conseguiu um emprego de verão como editora convidada na *Mademoiselle*, voltou a Radcliffe para cursar o último ano e, depois de se formar, deu provas mais uma vez de ser esperta ou de ter sorte. Obteve um estágio de um ano na *Vogue* de Paris,

um emprego que deve ter deixado as jornalistas e as aspirantes a escritoras que tinham sido suas colegas de faculdade roendo as unhas de inveja.

Lucy, pelo visto, também era especial em outros aspectos — pelo menos no contexto do início dos anos 1950. Um homem com quem eu jogava squash duas vezes por semana no Harvard Club, quando eu o convidava, e no seu suntuoso clube na Park Avenue, quando era ele que me convidava, continuara a ser um frequentador assíduo do circuito de festas de debutantes. Fora ao baile oferecido pelos De Bourgh para Lucy em sua mansão no verão anterior à sua ida para Radcliffe e mantivera contato com ela durante a temporada de Nova York que se seguiu, nas recepções de calouros e em todos os eventos imagináveis, inclusive alguns que ele não se dava ao trabalho de especificar. Lucy era fascinante, irresistível, ele me dizia, ela eletrizava qualquer homem solteiro e teria sido com facilidade a debutante do ano não fosse pelos boatos sobre um caso infeliz ocorrido na Miss Porter School quando ela estava às vésperas de se formar. Lucy ausentou-se sem justificativa — segundo a história que ele tinha ouvido, Lucy saía pela janela de seu dormitório e descera por uma corda — e foi descoberta dormindo num hotel da rede Howard Johnson nos arredores de Farmington, depois de beber muito numa festa de arromba. Seu par já havia ido embora e ela se recusou a revelar o nome dele para a polícia, para a diretora e até para os próprios pais. O sr. De Bourgh mexeu uns pauzinhos, preencheu um cheque de valor elevado e assim Lucy obteve autorização para se formar e ele e a sra. De Bourgh promoveram a festa. Se perdoaram Lucy ou não era uma questão em aberto, pois os convites já tinham sido enviados e seria um embaraço ainda maior cancelar tudo àquela altura. Meu parceiro de squash fez tais revelações enquanto descansávamos no vestiário de seu clube, depois de uma partida muito disputada.

Em conformidade com a atmosfera do lugar, ele acrescentou um testemunho pessoal: Ela trepa como uma sacerdotisa de Baco. Uma bacante esnobe!

Paris foi onde eu a conheci melhor. De início, apenas nos esbarrávamos em eventos na embaixada dos Estados Unidos. O embaixador Dillon e seu sucessor, Amory Houghton, tinham sido colegas de escola do pai de Lucy; eles faziam questão de cuidar dela. Mais tarde, ela começou a me convidar para festinhas chiques que promovia em seu apartamento na Rue Casimir-Perier, a poucos passos da Place du Palais Bourbon, onde ficava a redação da *Vogue* na época. Então uma coisa foi levando à outra. Havia muitos jovens estudantes e expatriados americanos na cidade na época. O dólar valorizado tornava viáveis certos luxos. Um almoço para duas pessoas no Lapérouse, com uma garrafa de vinho decente, incluindo uma gorjeta generosa, custava talvez doze dólares. A guerra na Argélia ainda não tinha se agravado e a sedução da vida intelectual e literária de Paris se encontrava no auge, atizada pela reputação e pelas personalidades fortes de Sartre, Simone de Beauvoir e Camus, bem como pela voga do existencialismo e do cinema francês. Lucy se destacava entre as americanas de sua idade. Como se sabe muito bem, os muito ricos são diferentes do resto de nós: eles desfrutam de suas poses desde muito cedo e vivem convencidos de que são melhores do que nós. Lucy não era tão rica, mas a aura de importância histórica e de riqueza que a rodeava era inequívoca. Seus antepassados, os De Bourgh do século XVIII, tinham sido abastados proprietários de navios em Bristol, Rhode Island. Seu ancestral direto, James De Bourgh, encomendara um navio antes de completar vinte anos de idade; durante a Guerra de 1812, foi um temido corsário, lutando no lado dos americanos; depois de uma carreira na política estadual em Rhode Island, tornou-se senador dos Estados Unidos. Sua enorme fortuna, consolidada por meio

da industrialização de algodão, tinha origem no comércio de escravos; quando morreu no final da década de 1830, era considerado o homem mais rico de Rhode Island e talvez o segundo homem mais rico do país. Suponho que acima dele, em primeiro lugar, estivesse Jacob Astor, mas nunca me dei ao trabalho de confirmar meu palpite. Na época em que conheci Lucy, a saga dos De Bourgh era pouquíssimo conhecida por qualquer pessoa que não fosse um aficionado da história dos Estados Unidos, e mesmo eu, que poderia ser assim classificado, de início tinha apenas uma vaga recordação de que algum dia existira um certo De Bourgh importante, no entanto acabei forçosamente me familiarizando com aquela história. Não havia jeito de ficar algum tempo com Lucy sem ouvi-la falar de James De Bourgh e de seus contemporâneos e rivais em Rhode Island, os muito mais famosos irmãos John e Moses Brown. Ela censurava com vigor a gradual dissipação da fortuna dos De Bourgh sob a administração dos descendentes de James, e entre os maiores esbanjadores Lucy incluía o próprio pai, e também recriminava a política comercial americana, que ela culpava pelo colapso das indústrias têxteis da Nova Inglaterra na década de 1920, que seu avô e os irmãos dele não tinham conseguido prever, mas, no que dizia respeito à própria Lucy, o brilho de sua família não havia diminuído. Além disso, como ela costumava dizer, ficar com a carteira vazia é um conceito relativo. Tudo depende de quantas carteiras você tem em casa. Nós ainda temos muitas.

Lucy me espantou ao recusar o emprego de editora assistente em Nova York que a revista lhe ofereceu no final de seu estágio. Morar em Nova York, disse, não era para ela. Em vez disso, foi passar o verão em casa a fim de praticar tênis, disse ela, e no outono voltou para Paris, para seu apartamento e para suas festas à noite. Depois de uma dessas festas, enquanto tomávamos o último drinque da noite, perguntei o que ela planejava fazer agora que estava de volta.